



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**“CONEXÕES ÁFRICA”: EXPERIMENTAÇÕES PEDAGÓGICAS
EM BUSCA DE UM CURRÍCULO AFROCENTRADO**

Débora Mendes Bregue Daniel ¹

Karina de Paula Silva ²

Resumo: Ao longo de diversos encontros de planejamentos pedagógicos entre professoras e professores dos anos finais do Ensino Fundamental, foi possível perceber que um ponto de encontro entre as várias disciplinas que compõem o currículo do sétimo ano, da Escola Sarapiquá, em Florianópolis, eram as Histórias e Culturas Africanas. Por meio do compartilhamento de experiências em sala aula, percebemos que as práticas de ensino de História, Geografia, Artes e Educação Física eram atravessadas, em diferentes momentos do ano, por narrativas africanas e afrodiáspóricas. Se há tantas Áfricas no currículo, por que o manter eurocentrado? Na busca por ampliar os encontros das disciplinas com as multiplicidades de histórias, culturas e formas de organização social em África é que nasceu o Projeto “Conexões África”, realizado com a turma do sétimo ano, por meio da ação interdisciplinar. O presente trabalho tem como objetivo compartilhar as experimentações coletivas de professoras de diferentes áreas do conhecimento na tentativa de desafiar a lógica colonial materializada nos currículos das disciplinas escolares. Além disso, serão compartilhadas as alternativas encontradas pelo grupo para lidar com as lacunas e limites dos materiais didáticos sobre o continente africano e também as brechas encontradas para construir o projeto. O produto final do projeto foi um mapa bordado em tecido, centrado no Atlântico Sul, trazendo diversas referências aos povos e cultura africanos e afro-brasileiros em suas conexões.

Palavras-Chave: História, artes, ensino, culturas africanas, currículo.

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da UFF, atualmente professora no Colégio de Aplicação – UFSC e na Escola Sarapiquá, em Florianópolis, deborambdaniel@gmail.com

² Licenciada em Educação Artística: habilitação Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Possui Pós-graduação em Ensino Integrado de Filosofia, Geografia, História e Sociologia pelo IFSC. Atualmente é Professora de Artes na Escola Sarapiquá em Florianópolis. karolps100@gmail.com



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



“Conexões África: experimentações pedagógicas em busca de um currículo afrocentrado” traz reflexões acerca das experiências de professoras de Ensino Fundamental com um projeto realizado com turmas de 7º ano da Escola Sarapiquá ao longo dos anos de 2019 e 2020. Para situar o leitor acerca da instituição na qual o projeto foi realizado, bem como a comunidade escolar, destacamos que a Escola Sarapiquá, localizada na cidade de Florianópolis, nasceu como uma associação de pais, no ano de 1982. Baseada no socioconstrutivismo, a instituição é conhecida por compor o grupo das chamadas “escolas alternativas” da cidade. Sua comunidade escolar é formada por um grande número de estudantes, filhos e filhas de professores universitários, servidores públicos e artistas da cidade.

O Projeto “Conexões África” nasceu como uma “composição” entre as disciplinas de História e Geografia, no ano de 2018, ao percebermos que havia diálogos possíveis entre as áreas em seus percursos pela História e Cultura em África. História trabalhava os diferentes povos e reinos africanos durante o período da “Idade Média” e Geografia também abordava a formação do povo brasileiro, buscando as origens dos africanos que vieram forçadamente ao Brasil. Em nossos primeiros diálogos pedagógicos, por meio de um grande mapa em mosaico de cartolinas, buscamos estabelecer as conexões possíveis entre as disciplinas e, também entre os continentes atravessados pelo Oceano Atlântico, traçando linhas de trânsito e registrando a presença dos povos no papel.

Ao final do ano, na Mostra Final de Trabalhos, foi possível construir uma sala temática de Estudos sobre África, incluindo os trabalhos desenvolvidos naquele ano também pelas disciplinas de Artes e Educação Física. Em Artes, os/as estudantes haviam desenvolvido estudos sobre máscaras africanas e, em Educação Física, haviam estudado a história da Capoeira e sua relação com as formas de resistências de africanos no Brasil. O resultado foi uma exposição composta por mapas, máscaras e berimbaus produzidos pelos estudantes em suas imersões sobre a capoeira.

Com o novo ano letivo veio o desejo de reunir as atividades das disciplinas que compuseram a sala temática de África num projeto interdisciplinar. Assim, foram pensadas algumas ações que seriam realizadas em diálogos entre as disciplinas.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Em História, o currículo do 7º ano do Ensino Fundamental costumava ser organizado partindo da Europa, na transição da Idade Antiga para a chamada Idade Média, passando pelo conceito de feudalismo até chegar às mudanças na baixa Idade Média. No meio desse percurso curricular, apareciam as menções aos povos e impérios em África, depois volta-se para Europa para chegar à América e novamente falar em África, mas já por meio das referências à cultura que veio para o Brasil através do tráfico de escravos do Atlântico Sul.

Ao propor um Projeto para a turma do 7º ano, tendo África como referência, foi preciso repensar os conteúdos e o encadeamento da História estudada. Assim, no ano de 2019, ao invés de iniciar nossos estudos pelo Império Romano, iniciamos nossos itinerários em Cartago, investigando a formação da cidade e sua importância na antiguidade e desta cidade e suas conexões pelo Mar Mediterrâneo que foram sendo construídos os outros estudos. Dessa forma, partimos de África, estudamos Europa e voltamos para África, em movimento oposto ao que vinha sendo realizado até então na disciplina de História, quando África entrava no currículo como um capítulo à parte que mostrava “mundos além da Europa”.

A partir desta intenção foi preciso construir um caminho afro-centrado com limitado apoio em livros didáticos, adaptando pesquisas, estudos e construções de conhecimentos com os alunos por meio de leitura e produção visual a partir dos textos lidos.

Em Artes, observamos os elementos que constituem a arte africana ao estudar conceitos, danças, mitos, adereços, máscaras e pinturas, relacionando-as às manifestações dos povos tanto em África quanto nas experiências diaspóricas na América. Realizamos estudos sobre as máscaras africanas suas simbologias e utilização em rituais, culminando na produção de máscara de papelão com cortes sobrepostos.

Também em Artes os estudantes tiveram contato com a história do maculelê, assistindo apresentações por meio de vídeos. Não foi possível, no entanto, praticar o maculelê com os estudantes, pois outras atividades do projeto demandaram maior tempo e envolvimento naquele ano letivo.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



O mote central do maculelê é a luta de um povo que desejava liberdade, através de danças com bastões e ritmos que lhe são peculiares, levando o brincante de maculelê a momentos de fantasia e recordação de experiências vividas pelos nossos antepassados, conservados na memória daquele que insiste em mantê-los lembrados. Esses momentos são protagonizados por corpos que dançam para reviver tal memória, recriando-a de variadas maneiras. (CHAGAS; LEOPOLDINO, 2012)

Em Geografia, a turma estudou a formação do povo brasileiro, ampliando pesquisas acerca da origem dos povos africanos escravizados, e discutindo o conceito de “democracia racial”.

Além disso, como produto das pesquisas, propusemos a confecção de um mapa bordado, que fosse pouco a pouco tecido com referências de nossos estudos pelos estudantes. Para isso foi necessário conhecer a arte de bordar, realizando uma sequência de oficinas de bordado com a Angela Tozini (*In memorian*).

Também foi conduzido um processo de transferência da cartografia para o tecido, com projeção de imagem e registro das silhuetas no tecido. Esse foi um processo conduzido pela professora Solange, de Geografia, em suas aulas.

Ao propor uma escolha livre para o início do bordado, deparamo-nos com um problema. Embora houvéssimos trabalhado a diversidade dos povos africanos e sua relação tempo e espaço, na prática, quando convocados a construir representações visuais bordadas, o resultado foi uma quantidade muito grande de bandeiras e pirâmides do Egito. Se perguntados sobre o continente africano a turma seria capaz de narrar sobre a diversidade do continente, então por que insistiam em produzir o mesmo conjunto de imagens bordadas?

As representações imagéticas nos chamaram a atenção justamente por revelar alguns questionamentos sobre a prática escolar em criar uma imagem autoral. Este “produzir” na maior parte das vezes acaba tornando-se um “(re)produzir”, e isso vem entrelaçado com alguns motivos, o receio de errar ou ousar ou apenas escolher um caminho mais “seguro” para expor seu conhecimento adquirido.

É importante levar em consideração que o imaginário dos/as estudantes se constrói a partir de muitas experiências e consumo. Durante a vida escolar dos/as



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



estudantes, muitas imagens dos livros didáticos, bem como de produção midiática são consumidas, reforçando os estereótipos. Isso evidencia que fazemos parte de uma sociedade de imagens com representações eurocêntricas que ultrapassam os muros das escolas e desconstruir esse imaginário é um dos objetivos desse projeto. Pois esse conjunto de imagens reproduzidas pelos estudantes, evidenciado pelas presenças e ausências da composição, são indícios do “racismo estrutural”. De acordo com Silvio Almeida,

A ação dos indivíduos, ainda que conscientes, “se dá em uma moldura de sociabilidade dotada de constituição historicamente inconsciente”. Ou seja, a vida cultural e política no interior da qual os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos autoconscientes e onde formam os seus afetos é constituída por padrões de clivagem racial inseridos no imaginário e em práticas sociais cotidianas. Desse modo, a vida “normal”, os afetos e as “verdades” são, inexoravelmente, perpassados pelo racismo, que não depende de uma ação consciente para existir (ALMEIDA, 2019, p. 44)

Assim, podemos afirmar que racismo também se manifesta nas escolhas do que representar no mapa do continente africano. Ao bordarem as pirâmides, os/as estudantes estavam reproduzindo no tecido uma concepção de história que durante muito tempo construiu uma narrativa sobre África que se resumia ao Egito. Foi necessário, portanto, estarmos atentas às ações dos/as estudantes a fim de construir novas possibilidades criativas nas produções singularizadas abrindo o caminho para novas formas de representação não racista.

Nossa proposta com o projeto “Conexões África” foi um ensaio para o que Chinua Achebe propõe como “equilíbrio de histórias” (MORTARI, 2016, p. 66). Propor a dança do currículo, colocando África em evidência e como condutora de um currículo foi nosso incipiente passo para o que Mignolo chama de “giro decolonial” (MORTARI, 2016, p. 68). Compreendemos que nossa formação como docentes se baseia majoritariamente em leituras de autores brancos e eurocentrados e que nossos passos a fim de buscar outras histórias, apoia-se num olhar carregado da colonialidade. Além de propor outra organização do currículo do 7º ano, também propusemos outra linguagem



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



como síntese do trabalho, utilizando o tecido como suporte para o registro da história estudada.

Esse também foi um caminho na compreensão de que há outros suportes para o registro do conhecimento que não são o papel e a caneta. As peles, os tecidos, as cestarias, entre outros objetos são capazes de carregar registros de conhecimentos desenvolvidos por diferentes sociedades. Como fala Davi Kopenawa, não foi necessário “fixar essas palavras no papel para dá-las aos brancos que quiserem conhecer seu desenho” (KOPENAWA, 2015, p. 66). Experimentar outros suportes amplia a compreensão dos/as estudantes para a ideia de que não é preciso escrever no papel para registrar um conhecimento. Como afirma Mbembe, descolonizar “implica também, num trabalho epistemológico e estético”. (MORTARI; WITMANN, 2020, p. 358)

É importante destacar que a proposta de colocar África como centro não partiu de uma imposição, mas de uma revisão de um currículo pré-existente mas negligenciado pelas ações isoladas das disciplinas em seus fazeres individualizados nas áreas de conhecimento. Ao percebermos o continente africano como elo de conexões entre as várias disciplinas, pudemos não só ampliar nossos olhares sobre os conteúdos estudados, mas propor outros diálogos possíveis entre os diferentes campos do saber.

Outro elemento da experiência importante de ressaltar é o tempo. Ao propor um projeto interdisciplinar sobre Histórias e Culturas africanas, envolvendo tantas disciplinas do currículo, ocorreu um alargamento do tempo de estudos sobre África, propondo aos estudantes diferentes imersões em diversas relações de tempo e espaço do continente africano. Alargar o tempo de África no currículo foi também uma ação importante, pois colocou outros conteúdos em evidência e nos fez buscar novas articulações, novos pontos de conexões e novas formas de organizar os conhecimentos.

Dessa forma, o mapa não foi bordado apenas nas aulas de Artes, mas ao longo de um grande conjunto de aulas das três disciplinas envolvidas no projeto. Linhas, agulhas, bastidores, canetas, livros, mapas, compunham as aulas de História, Geografia e Artes. O tempo disciplinador da vida escolar, geralmente nas suas frações de 45 minutos, muitas vezes foi ampliado em bordados que eram iniciados nas aulas de



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



História e finalizavam em Geografia. Assim, mudava-se a professora que estava com a turma, mas dava-se continuidade à atividade.

Ainda sobre o bordado, há que se destacar os desafios de bordar um mesmo mapa, pois nem sempre havia espaço para todos bordarem ao mesmo tempo no tecido, e o tempo do bordado era muitas vezes revezado pelos estudantes. Enquanto bordavam, estudante narravam histórias a seus colegas, às vezes sobre o conteúdo estudado outras vezes confidenciavam outros testemunhos. Ao tecer o mapa, estudantes teciam também suas relações com seus colegas, contavam causos, narravam acontecimentos ordinários. Essa prática, além da confecção do produto foi incentivada pois destacava a importância da oralidade nas ações humanas, prática estudada pelos estudantes quando liam acerca dos *griots*³.

Assim, para o ano de 2020, ampliamos ainda mais nosso projeto, convidando a disciplina de Educação Física e seu projeto “Volta ao mundo pela capoeira” para integrar o “Conexões África”. A ideia para o projeto do ano era propor estudos sobre diferentes conexões de África em diferentes tempos/espacos. Desde os estudos sobre a Antiguidade, passando pelos reinos e impérios da “Idade Média”, pela escravização e chegando às experiências das populações africanas na diáspora brasileira.

Em Educação Física, a turma realizou seus estudos sobre a capoeira a partir das orientações do Mestre Kiko que ministra também as aulas de Educação Física na escola. Esse é um ponto importante para destacar, pois a capoeira não é vista no projeto como uma simples dança, mas como uma manifestação que carrega um passado de resistência. Como afirma Rodney Willian,

O extermínio de um povo pressupõe a morte de sua cultura. Assim, quando se tenta transformar a capoeira numa simples dança, pagando seu passado de resistência, eliminando suas referências negras, catequizando-a por meio de uma roupagem gospel, desvirtua-se completamente seu significado, cometendo-se um crime contra todos aqueles que a inventaram, preservaram e legaram-na a seus descendentes como um valor essencial de sua identidade (WILLIAN, 2019, p. 63)

³ *Griot* ou *djeli* são indivíduos que têm por vocação preservar e transmitir histórias na África Ocidental.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Sendo conduzida por um mestre, os estudos sobre a capoeira dentro do projeto respeitaram e respeitam os significados da manifestação no passado e no presente. A capoeira não é um elemento exótico adicionado à pesquisa, mas compõe o projeto como elemento narrativo e de imersão.

Fomos, no entanto, atravessados pela pandemia de COVID-19 e o necessário isolamento. Nesse novo contexto, precisamos repensar nosso projeto e adaptar ao novo momento inusitado de ensino. Propusemos, então, aos/às estudantes que realizassem pesquisadas em cada disciplina envolvida no projeto.

Em História, a turma realizou pesquisas sobre os povos e reinos africanos no período correspondente à “Idade Média”. Em Geografia a turma realizou pesquisas a respeito da população afrodescendente por regiões brasileiras, em Educação Física realizaram uma pesquisa a respeito da capoeira no mundo. Em Artes a turma organizou o registro das narrativas, selecionando imagens e representações das pesquisas realizadas.

Todos os materiais produzidos a partir das pesquisas dos/as estudantes resultaram num mapa interativo “Conexões África”, inserindo informações na ferramenta *google Earth*. No mapa é possível acessar textos, vídeos explicativos, e imagens sobre os reinos pesquisados. Os grupos de trabalho, delimitaram as fronteiras dos reinos e impérios estudados, incluindo textos informativos ou vídeos em que apresentam síntese das suas pesquisas. Além disso, por meio do mesmo material, atravessando o Atlântico, é possível acessar informações sobre as populações de diversas regiões brasileiras e, também, um link para uma segunda camada de mapa intitulada “volta ao mundo da capoeira”, em que os estudantes realizaram um levantamento de vídeos que mostravam a capoeira sendo praticada em diversos países do mundo.

Esse mapa virtual interativo, que foi uma alternativa à impossibilidade do trabalho com outros suportes, converteu-se em recurso interessante ao projeto, possibilitando deslocamentos pelo globo, aproximações e distanciamentos nos territórios. Além disso, para o ano de 2021, propusemos a utilização do mesmo mapa,



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



iniciado pela turma de 7º ano de 2020, para a produção de um material mais completo, inserindo informações de outros povos em outros tempos e espaços de África.

À medida em que desenvolvemos o projeto “Conexões África” fica evidente sua necessária presença nas atividades pedagógicas com a turma do 7º ano. Ao longo de suas diferentes edições temos dado importantes passos no caminho de um currículo articulado entre as disciplinas e estamos longe de esgotar as possibilidades de trabalho dentro dele. Para 2021, por exemplo, a Língua Portuguesa que até a última edição flertava aproximações com o projeto, inseriu a leitura de contos africanos nas aulas de literatura, integrando-se também nesse projeto condutor de currículos na escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

CHAGAS, Andreia Souza; LEOPOLDINO, Elcio Rezek. Relato de uma experiência. Maculelê: vivência e saberes de um corpo brincante. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. 2012. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_07/PDF/19.pdf

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana. Instituto Pensar. 2007. pp. 127- 163. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf>



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



MORTARI, Claudia; WITTMANN, Luisa. **Narrativas Insurgentes:** decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020.

SOUZA, Fábio Feltrin; MORTARI, Claudia. **Histórias africanas e afro-brasileiras:** ensino, questões e perspectivas. Tubarão: Copiart; Erechim: UFFS, 2016.

WILLIAN, Rodney. **Apropriação cultural.** São Paulo: Pólen, 2019.